

CAPÍTULO VIII – O editor Monteiro Lobato e a ficção brasileira dos anos 1920¹⁸⁷

Profa. Dra. Milena Ribeiro Martins

Em 1918, Monteiro Lobato começou a atuar como editor, publicando obras suas e alheias sob o selo das “Edições da *Revista do Brasil*”; em 1920, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, a editora foi registrada comercialmente com o nome de “Monteiro Lobato & Cia.” e, em 1923, depois da aquisição de moderno maquinário, passou a se denominar “Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato” até sua falência, em 1925. No ano seguinte, Lobato e Octalles fundaram a Cia. Editora Nacional, na qual Lobato permaneceu até 1929, quando vendeu suas ações. A Companhia Editora Nacional continuou a desempenhar papel central no mercado editorial brasileiro por décadas.

Dando continuidade às pesquisas de Laurence Hallewell (1985) e Cilza Bignotto (2018) sobre a atuação de Lobato como editor, os dados reunidos neste artigo colocam em perspectiva as edições de suas empresas com relação às de outras editoras nacionais, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre uma década paradigmática da literatura nacional.

Ficção brasileira dos anos 1920

A década de 1920 representa um momento de importantes conquistas para a produção editorial brasileira. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, “a indústria editorial paulista [...] assiste a um *boom* inesperado a partir do

¹⁸⁷ Versão deste texto foi apresentada no congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC, 2018).

início dos anos 1920¹⁸⁸. Movidas por uma variedade de fatores (dentro os quais, a dificuldade de manter a prática de imprimir livros brasileiros na Europa em tempos de guerra, a morte dos editores Hypollyte Garnier, em 1911, e de Francisco Alves, em 1917), outras cidades do país também experimentariam um importante incremento na sua produção livreira na mesma década, o que justifica um olhar mais atento para essa produção.

Havia no país um sistema editorial com condições de produzir e fazer circular livros de norte a sul do país? Havia produção de livros em quantidade, com qualidade e diversidade temática e estilística? A extensa documentação disponibilizada pela Biblioteca Nacional, por meio de sua Hemeroteca digital, permite garimpar informações importantes a esse respeito: permitem documentar, por exemplo, que livros publicados em São Paulo e no Rio de Janeiro efetivamente chegavam aos extremos do país.

Vejamos dois exemplos.

A Livraria Mendes, de Caxias (RS), anunciava em julho de 1922 um “grande sortimento de romances dos melhores autores” na primeira página do jornal *O Brasil*¹⁸⁹. O anúncio trazia uma lista de títulos e seus autores, dentre os quais: *Os caboclos* (1920), contos de Valdomiro Silveira; *O Mistério* (1920), romance de Afrânio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque; *Vida ociosa* (1920), romance de Godofredo Rangel, *O professor Jeremias* (1920), romance de Léo Vaz; *A veranista* (1921), romance epistolar de Iracema Guimarães Vilella; *A casa do gato cinzento* (1922), contos de Ribeiro Couto; *A mulher que pecou* (1922), contos de Menotti Del Picchia, dentre outros. O texto publicitário não informa que os livros mencionados foram todos publicados por Monteiro Lobato & Cia. entre 1919 e 1922. Muitos deles eram lançamentos, portanto, e chegaram ao sul do país no ano de sua publicação.

No outro extremo do país, o *Jornal do Comércio* de Manaus anunciava, em fevereiro de 1925, o recebimento de livros publicados em São Paulo pela Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato¹⁹⁰. O envio de livros a

¹⁸⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 95.

¹⁸⁹ LIVROS chegados nesta semana. *O Brasil: Orgam republicano*, Caxias-RS, a. XV, n. 28, p. 01, 29 jul. 1922. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/161969/2160>>. Acesso em 16 set. 2020.

¹⁹⁰ LIVROS & REVISTAS. *Jornal do Comércio*, Manaus, a. XXII, n. 7492, p. 01, 28 fev. 1925. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/32797>. Acesso em: 16 set. 2020.

periódicos era prática corriqueira naquele tempo; ainda assim, é digno de atenção que a editora continuasse investindo na divulgação dos seus livros num momento em que estava endividada, em plena crise política e financeira, que culminaria com um pedido de falência. O jornal manauara noticiava a chegada de quatro títulos bastante diferentes entre si: dois romances muito conhecidos do século XIX, sendo um brasileiro (*Memórias de um Sargento de Milícias*) e um francês traduzido (*O conde de Monte Cristo*), e dois romances novos de escritores brasileiros: *Kyrmah: Sereia do vício moderno*, de Raul de Polillo, e *Frida Meyer*, de Vivaldo Coaracy, ambos lançados em 1924. Estilística e tematicamente, são romances distintos um do outro: um decadentista e um moderno¹⁹¹.

A diversidade temática e estilística é sugerida também pelo aspecto material dos livros de então. Tristão de Athayde, um dos mais importantes críticos literários da década,¹⁹² resenhava os lançamentos do ano de 1920 usando a imagem de uma estante colorida como símbolo da diversidade gráfica da produção daquele ano:

A literatura está para a sociedade como a feição tipográfica dos livros para o seu conteúdo. Não é possível imaginar maior variedade de tipos, de capas, de formatos, de cores. Pode-se mesmo dizer que não há dois idênticos e cada autor procura dar ao aspecto externo de sua obra o cunho do seu gosto ou do contrário... É a imagem da nossa produção intelectual e imagem aliás animadora. Esse individualismo pode significar falta de solidez e estabilidade na vida literária, mas indica um seguro desejo de independência e portanto de criação. É do gosto anárquico de inovação que provêm as obras originais e fortes, simbólicas das épocas de vitalidade.¹⁹³

Progressivamente, as capas tipográficas e monocromáticas, sérias e clássicas, foram sendo substituídas por livros de cores e formatos variados: sintoma de que havia leitores a serem conquistados e de que havia competição

¹⁹¹ FRANÇA, Júlio; SILVA, Daniel A. P. Volúpias da estesia: a prosa de ficção decadente de Raul de Polillo. *Revista Todas as Musas*, São Paulo, a. 9. n. 1, pp. 109-117, jul.-dez. 2017.

¹⁹² LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. p. 57.

¹⁹³ ATHAYDE, Tristão de. A literatura em 1920. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 66, pp. 249-250, jun. 1921.

entre empresas editoras. Tristão dá um importante passo ao diagnosticar a relação complementar entre a materialidade do livro e seus elementos textuais. Faltou-lhe explicitar que essa relação significativa entre elementos textuais e paratextuais era produzida não apenas por escritores, mas também por editores, tipógrafos e capistas — todos eles imbuídos desse “seguro desejo de independência e portanto de criação”¹⁹⁴.

O incremento da produção editorial livreira nacional — especialmente, mas não exclusivamente, paulista — vincula-se a um contexto de intensas transformações sociais, associadas a um crescimento populacional de grandes proporções, de migrações internas e levas de imigrações, de políticas educacionais que tiveram por consequência o aumento do número de alfabetizados, da progressiva urbanização, da substituição de importações, com crescimento da indústria gráfica nacional e a outros fatores.

Além das importantes transformações estéticas no campo literário brasileiro dos anos 1920, com a convivência de uma variedade de estilos, parece-nos digna de destaque também a quantidade e variedade da produção literária nacional. Vejamos alguns números dessa produção.

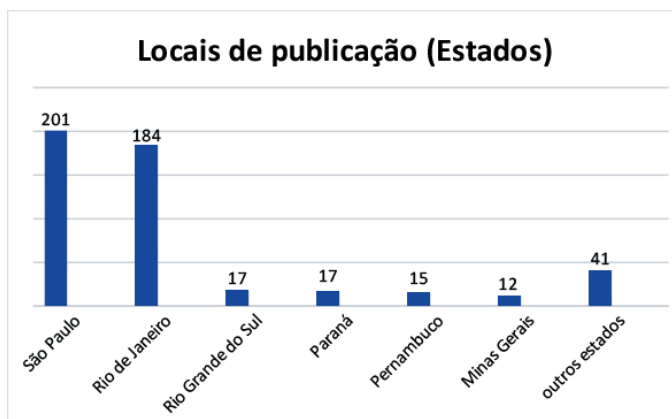
Um país se faz com homens e livros: Quais homens? Quais livros?

No curso do projeto de pesquisa *A prosa de ficção brasileira dos anos 1920*, identificamos até o momento a publicação de 487 novos livros de ficção brasileira naquela década, dos quais 256 são livros de contos; 180, romances; 35, literatura infantil; 6, gêneros híbridos, e 10 cujo gênero ainda não pôde ser identificado. Estão incluídas nesses dados apenas as primeiras edições de narrativas brasileiras: reedições, traduções e obras não ficcionais representam uma importante parcela das edições brasileiras e do rendimento das editoras, mas não entram no escopo desta pesquisa. Dentre os gêneros híbridos acima mencionados, há, por exemplo, narrativas de teor sócio-político, com enquadramento ficcional — como, por exemplo, *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto; *Cartas de um chinês do Brasil para a China*, de Simão de Mantua (pseudônimo de Antônio Gomes Carmo), e *Mr.*

¹⁹⁴ Idem, p. 250.

Slang e o Brasil, de Monteiro Lobato.

As fontes para coleta de dados foram diversas, como se pode supor: bibliotecas, sebos, livros de referência, periódicos, teses e artigos acadêmicos, além de coleções privadas e bibliotecas digitais. Houve também fontes menos tradicionais de pesquisa, como sites de leilões virtuais. Sistemas de catalogação de bibliotecas também trazem importantes informações a respeito de livros de difícil acesso; não é demais lembrar que há livros brasileiros mais facilmente encontráveis em bibliotecas estrangeiras do que em nacionais.



Do total de livros de ficção brasileira identificados, a maioria foi publicada por editoras ou tipografias localizadas nos estados de São Paulo (201 livros) e Rio de Janeiro (184). São Paulo passou a ocupar nessa década um espaço de maior importância no cenário nacional, com a maioria dos livros sendo lançados na capital e alguns poucos em Ribeirão Preto, Santos, São Carlos e Campinas. Outro dado relevante é a diminuição da quantidade de livros de ficção publicados fora do país: enquanto na virada do século era usual a impressão de livros na França e em Portugal, num tempo em que as mais importantes editoras nacionais eram filiais de empresas estrangeiras, nos anos 1920 as edições estrangeiras de obras nacionais são quase desprezíveis: apenas 8 livros de ficção brasileira foram publicados em Portugal, 1 em Paris e 1 em Nova York; os demais foram publicados por editoras nacionais. A nacionalização da produção editorial “permitiu novas formas

de profissionalização dos intelectuais” brasileiros, além de outros benefícios para a vida social e cultural: “Afim, ter editores morando no país, acessíveis para uma prosa num café e, além disso, interessados pela cultura nacional, representou um ganho inestimável para o sistema literário brasileiro”¹⁹⁵.

Em substituição às editoras estrangeiras, que dominavam o mercado editorial brasileiro no século XIX, novas editoras nacionais se espalharam por um bom número de capitais brasileiras. Que editoras eram essas? Quem foram os empresários que investiram em escritores iniciantes e famosos, desconhecidos e premiados? A resposta a essa pergunta dependeu de uma tabulação de dados mais complexos: é difícil o acesso físico ou virtual a livros publicados em 1920; as referências a eles podem trazer ou ocultar informações sobre as editoras; algumas vezes, a informação é dúbia, porque aparecem dois nomes de empresas, supostamente uma editora e uma tipografia, eventualmente uma coedição, ou um nome representativo da fusão de empresas; há alguns nomes bastante genéricos – como “empresa editora”, por exemplo – cuja identidade pôde apenas ser presumida.

Feitas essas ressalvas, apresentam-se a seguir as principais editoras de ficção brasileira dessa década, seguidas do número de títulos novos publicados por elas:

Editoras & novos títulos de ficção brasileira lançados nos anos 1920	
Editoras de Monteiro Lobato (Edições da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., Cia Gráfico-Editora Monteiro Lobato e Cia. Editora Nacional)	102
Leite Ribeiro	39
Benjamim Costallat & Miccolis	20
Livraria Francisco Alves	16
Editorial Hélios	15
Melhoramentos	14
Anuário do Brasil	12
Empresa Gráfica Paranaense	11
Livraria do Globo	10
Livraria Castilho	9
Pimenta de Mello & Cia.	9

¹⁹⁵ MARTINS, Milena Ribeiro. O livro brasileiro nos anos 1920: aspectos gráficos e atuação dos escritores. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira – Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 29, p. 221 e 227, 2020.

Livraria Chardron de Lello & Irmão	7
Casa Editora Antônio Tisi, Jacintho Ribeiro dos Santos e Casa Mayença	5 cada
Imprensa Industrial (Recife), Imprensa Metodista, Livraria Schettino, Ed. Brasileira Lux, Tipografia Livraria Universal / Edição do autor, Irmãos Ferraz	4 cada
Casa Editora O Livro, Garnier, Paulo Pongetti & Cia., Empresa Brasil editora, Livraria Americana, Casa América Evaristo Maia	3 cada
23 outras editoras	2 cada
99 outras editoras	1 cada
21 livros sem dados sobre editoras.	TOTAL: 487 novos títulos

As editoras em que Lobato atuou lançaram 20% do total de títulos novos de ficção brasileira nos anos 1920. Comparativamente, observa-se que nenhuma outra editora publicou mais que 8% dos títulos de ficção nacional. Os números afinam a percepção de Hallewell, segundo a qual Lobato se destacava dos demais editores do seu tempo por lançar programaticamente escritores novos. Em carta, o editor mencionara esse seu propósito: “Meu empenho é só editar novos, mas novos de talento. Que gosto soltar livros de múmias acadêmicas, gente rançosa? Quero *tendrons*, brotos”¹⁹⁶. De fato, ele lançou uma quantidade significativa de escritores novos, muitos dos quais jamais foram reeditados. A partir de 1926, porém, o investimento se dirigiu a escritores de venda segura, dentre os quais Viriato Correa, Paulo Setúbal e o próprio Monteiro Lobato.

A seguir, apresenta-se uma lista dos livros de ficção publicados pelas editoras de Monteiro Lobato nos anos 1920, com a esperança de que essas informações reunidas alimentem novos estudos sobre seu trabalho como editor e sobre a variedade da produção literária da década de 1920. Por meio de sua atuação como editor, Lobato abriu espaço para autores novos, contribuindo para a efervescência cultural de uma década. Resta que estudos monográficos se dediquem a analisar essa produção, a despeito de boa parte desses livros ter se convertido em raridade.

196 LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. ed. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. 239. Carta de 9 nov. 1921.

Ficção brasileira publicada pelas editoras de Monteiro Lobato na década de 1920		
1920	Romance	<i>O mistério</i> (Afrânio Peixoto, Coelho Neto, Viriato Correa e Medeiros e Albuquerque), <i>Voo nupcial</i> (Albertino Moreira), <i>Vida ociosa</i> (Godofredo Rangel), <i>Madame Pommery</i> (Hilário Tácito), <i>O professor Jeremias</i> (Léo Vaz), <i>Sem crime: cenários de Belém, Pará</i> (Papi Júnior).
	Conto	<i>Ritinha e outros casos</i> (Léo Vaz), <i>Negrinha</i> (Monteiro Lobato), <i>Os caboclos</i> (Valdomiro Silveira)
	Infantil	<i>A menina do narizinho arrebitado</i> (Monteiro Lobato)
1921	Romance	<i>A veranista</i> (Abel Juruá)
	Conto	<i>Sapezais e tigueras: contos sertanejos</i> (Amando Caiubi), <i>Andorinhas</i> (Godofredo Rangel), <i>Casa de maribondos</i> (Gustavo Barroso), <i>A serpente de bronze</i> (Humberto de Campos).
	Infantil	<i>O Saci, Fábulas de Narizinho</i> (ambos de Monteiro Lobato), <i>Histórias da nossa história: crônicas e contos históricos</i> (Viriato Correa).
	Híbrido	<i>País de ouro e esmeralda</i> (José Antônio Nogueira)
1922	Romance	<i>De que morreu João Feital</i> (Lucillo Varejão), <i>O palanquim dourado</i> (Mario Sette), <i>O homem e a morte: tragédia cerebral</i> (Menotti Del Picchia), <i>A trilogia do exílio I. Os condenados</i> (Oswald de Andrade), <i>A dança do fogo</i> (Raoul Pollilo), <i>O reino de Kiato (no país da verdade)</i> (Rodolfo Teófilo).
	Conto	<i>Gritos femininos</i> (Chrysanthème), <i>Os condenados: contos atrozes</i> (Gabriel Marques), <i>Mula sem cabeça</i> (Gustavo Barroso), <i>A mulher que pecou</i> (Menotti Del Picchia), <i>Casa do pavor</i> (Moacir de Abreu), <i>A casa do gato cinzento, O crime do estudante Batista</i> (ambos de Ribeiro Couto).
	Infantil	<i>O marquês de Rabicó</i> (Monteiro Lobato).

1923	Romance	<i>Brutos e titãs: cenas da vida sertaneja</i> (Altamirando Requião), <i>O dente de ouro</i> (Menotti Del Picchia), <i>A dança do fogo: o homem que não queria ser Deus</i> (Raul de Polillo)
	Conto	<i>Noites de plantão</i> (Amando Caiuby), <i>A bacia de Pilatos</i> (Humberto de Campos), <i>A descoberta do paraíso</i> (Augusto de Oliveira e Sousa), <i>Tarântula</i> (Carlos Rubens), <i>Linguinhas de prata</i> (Euclides Pereira de Andrade), <i>Assombração</i> (Manoel Victor), <i>Memórias de Fulgêncio Claro</i> (Marques da Cruz), <i>O macaco que se fez homem</i> (Monteiro Lobato), <i>Memórias de um recruta</i> (Oswaldo Barroso), <i>Os serões de dona Branca</i> (Paulo de Freitas), <i>Pedras d'armas</i> (Pedro Calmon), <i>Dona Glorinha</i> (Tranquilino Leitão).
	Híbrido	<i>Cartas de um chinês do Brasil para a China</i> (Simão de Mantua)
1924	Romance	<i>Maria Ângela: páginas de vida escolar</i> (Ataliba Antonio de Oliveira), <i>Virgindade anti-higiênica: preconceitos e convenções hipócritas</i> (Ercília Nogueira Cobra), <i>O crime daquela noite</i> (Menotti Del Picchia), <i>Kyrmah: sereia do vício moderno</i> (Raul de Polillo), <i>Frida Meyer</i> (Vivaldo Coaracy).
	Conto	<i>Lógica de um burro</i> (Jaime de Altavila), <i>Diálogo dos abutres</i> (Mário dos Vanderlei), <i>Senhoras e Senhorinhas</i> (Raul de Azevedo), <i>Luizinha</i> (Vicente de Carvalho), <i>Quinze noites</i> (Yaynha Pereira Gomes).
	Infantil	<i>Dodóca, memórias de uma boneca</i> (Dolores Barreto), <i>A caçada da onça, Jeca tatuzinho</i> (ambos de Monteiro Lobato).
1925	Romance	<i>A marquesa de Santos</i> (Paulo Setúbal)
	Conto	<i>Uma aventura: contos</i> (Abel Juruá), <i>O diabo existe</i> (Julio César da Silva), <i>A mulher do próximo... e outras mulheres</i> (Lucillo Varejão), <i>No tempo da força</i> (Mario dos Vanderlei).
	Infantil	<i>O garimpeiro do Rio das Garças</i> (Monteiro Lobato)
1926	Romance	<i>Os infelizes</i> (Claudio de Sousa), <i>O choque das raças ou o Presidente negro, romance americano do ano 2228</i> (Lobato), <i>O príncipe de Nassau</i> (Paulo Setúbal), <i>A Balaiada: romance do tempo da regência</i> (Viriato Correia).
	Conto	<i>Brio de caboclo</i> (Aureliano Leite).

1927	Romance	<i>Virgindade inútil: novela de uma revoltada</i> (Ercília Nogueira Cobra), <i>As maluquices do imperador</i> (Paulo Setúbal).
	Conto	<i>Mixórdia – contos e anedotas</i> (Cornélio Pires), <i>Brasil dos meus avós</i> (Viriato Correa), <i>Bau velho: roupas antigas da história brasileira</i> (Viriato Correa).
	Infantil	<i>Aventuras de Hans Staden</i> , <i>O irmão do Pinóquio</i> (ambos de Lobato).
	Híbrido	<i>Mister Slang e o Brasil: colóquios com o inglês da Tijuca</i> (Monteiro Lobato).
1928	Romance	<i>Uma mulher como as outras</i> (Afrânio Peixoto), <i>O tesouro de Cavendish: romance histórico brasileiro</i> (Alfredo Ellis Jr. e Menotti del Picchia), <i>A criação e o criador</i> (Gastão Cruls), <i>A tecedeira de nhanduti: romance histórico</i> (Gastão Penalva), <i>A guerra do Lopez: contos e episódios da campanha do Paraguai</i> (Gustavo Barroso), <i>A bandeira de Fernão Dias, romance histórico</i> (Paulo Setúbal).
	Conto	<i>Meu Samburá – anedotas e caipiradas</i> (Cornélio Pires), <i>Nos bastidores da história</i> (Paulo Setúbal), <i>Histórias ásperas</i> (Viriato Correa).
	Infantil	<i>O noivado de Narizinho</i> , <i>Aventuras do príncipe</i> , <i>O gato Félix</i> , <i>Cara de coruja</i> (todos de Monteiro Lobato), <i>Varinha de condão</i> (Viriato Correa).
1929	Romance	<i>Sinhazinha</i> (Afrânio Peixoto), <i>Guria</i> (Benjamin Costallat), <i>A guerra do Rosas</i> (Gustavo Barroso), <i>A guerra do Flores</i> (Gustavo Barroso), <i>As contas do terço</i> (Mário Sette).
	Conto	<i>Continuação das estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho (o Queima Campo)</i> (Cornélio Pires).
	Infantil	<i>O circo de escavalinho</i> (Monteiro Lobato).

Inevitavelmente, há lacunas nessa tabela, que vem sendo construída e ampliada desde 2015; apesar disso, é uma sistematização que permite construir novas hipóteses, conforme novas pesquisas avançarem.